

**SÉRIE ANTROPOLOGIA**

**218**

**CULTURA, IDEOLOGIA, PODER E O FUTURO  
DA ANTROPOLOGIA. CONVERSANDO  
COM ERIC R. WOLF.**

**Gustavo Lins Ribeiro**

**Brasília  
1997**

## **CULTURA, IDEOLOGIA, PODER E O FUTURO DA ANTROPOLOGIA. CONVERSANDO COM ERIC R. WOLF.**

Gustavo Lins Ribeiro

Eric Wolf está terminando seu livro tentativamente intitulado **Envisioning Power**. Em uma linda tarde de inverno em Nova Iorque, sentamos para conversar sobre seu novo trabalho. A partir de uma análise do sacrifício humano entre os aztecas, do *potlatch* entre os kwakiutl e da mobilização para a guerra dos nazistas, propõe uma interpretação do poder das elites baseada em um diálogo entre as noções de ideologia e cultura. Aqui Wolf mais uma vez demonstra sua grande erudição enquanto antropólogo heterodoxo e ávido leitor de muitas outras disciplinas. Enfrenta, igualmente, algumas das questões mais candentes para o futuro da antropologia: como relacionar o particular e o universal em uma era de globalização acentuada? Qual a importância da observação direta na prática da pesquisa de campo e para o perfil da antropologia enquanto disciplina com rosto próprio? Eric Wolf também comenta o fim do socialismo real e aborda velhos e novos problemas do marxismo. Porém, o que esta entrevista traz claramente à tona são os esforços de um dos mais brilhantes antropólogos de sua geração para dar conta de algumas das questões mais clássicas da antropologia como o poder da imaginação humana de estabelecer projetos que transcendem tempo e espaço.

### **Entrevista com Eric R. Wolf em 28 de fevereiro de 1997.**

GLR - Você pode nos falar sobre o livro que está terminando de escrever?

ERW - Está sendo elaborado a partir dos cursos que dei no *Graduate Center da City University of New York* sobre ideologia e seus problemas. Existem várias questões de pano de fundo. Uma é como se fazer uso de uma noção marxiana de ideologia. É uma idéia útil de forma que a antropologia deva se interessar por ela? Sempre houve um vácuo entre a noção antropológica de cultura e uma abordagem político-econômica. As duas coisas não se misturam. Eu pensei que explorando a noção de ideologia talvez pudéssemos encontrar uma maneira de combinar um interesse em poder e idéias, encontrando quais são as relações entre eles. Enfocando esta questão, talvez pudéssemos colocar juntas aquelas duas diferentes perspectivas.

GLR - Eu sei que você está trabalhando, neste livro, com kwakiutls, aztecas e nazistas...

ERW - Sim, tenho que voltar a um antigo artigo do Kroeber onde ele fala da possibilidade de se fazer uma investigação naturalista sobre a natureza humana através da percepção dos limites extremos de certos tipos de casos. Ele usou os sacrifícios humanos dos aztecas

como um tipo de caso extremo. Através dos casos extremos poderíamos notar características que em outras culturas e sociedades estariam escondidas, subterrâneas. É uma idéia interessante. Assim, esses três casos foram selecionados porque mostram formações ideológicas e fenômenos culturais em formas extremas. Não tento fazer uma comparação evolutiva, apesar de que caem numa tipologia do tipo “chiefdom”, estado arcaico e moderno estado-nação. Estou mais interessado na justaposição e não na comparação. Não sigo os mesmos elementos através dos casos. O que tento é ver o que em cada caso tornou possível o crescimento dos traços diferenciados. Realmente comecei com os aztecas. Julguei que seria interessante para tratar, em parte porque trabalhei na Mesoamérica antes. Assim, já conhecia, de alguma forma, este material. A seguir, passei a trabalhar com os nazistas, um material que também me era familiar, simplesmente porque tive que viver este período. Os kwakiutl já surgiram de um curso, o último que dei no *Graduate Center*, Etnografia e Teoria. Tomamos um número de casos e vimos como diferentes pessoas tinham interpretado diferentemente os dados etnográficos. Os casos foram mais ou menos escolhidos aleatoriamente mas existe um certo tipo de semelhança entre eles.

GLR - E qual é esta semelhança?

ERW - Ainda não tenho certeza. Estou fazendo o seguinte com este livro. Uma discussão teórica do problema de tentar integrar o marxismo, a economia política, com cultura; o porquê as duas coisas não se ajustam e como se poderia então combiná-las. A seguir vêm os três casos, já os reescrevi muitas vezes. Uma das coisas que acontece é que quando trabalho em um caso, questões aparecem que devem ser levantadas para outro material. Eu sempre reviso meu trabalho vezes e vezes seguidas. Agora estou trabalhando no estabelecimento de uma conclusão. O problema com as conclusões é que, em um nível, elas são muito banais. Isto é, em cada um destes três casos, o problema básico colocado é como você arranja as coisas, ou organiza as pessoas de maneira a maximizar as oportunidades de vida. O *potlatch* resulta ser não apenas a oferenda de presentes, e isto não é uma descoberta minha mas de pessoas que têm trabalhado na Costa Noroeste, mas também a transmissão de substância das almas, poder espiritual de um grupo para o outro. Assim, todas aquelas peles de animais e cobertores são embrulhos de material invisível que está sendo dado de um grupo para o outro. Poderia-se dizer que o problema é como fazer a vida a partir da morte, como vencer a morte. E o caso kwakiutl é muito interessante porque é de fato um fenômeno do século XIX. Estavam sendo abalados por assentamentos e invasões coloniais. Os chefes estão perdendo poder porque uma economia alternativa está penetrando e os jovens estão se dirigindo para a pesca comercial, ou para a cidade de Victoria onde abrem bares ou se engajam em prostituição. Os chefes estão perdendo o controle. Então, o aumento dos *potlatch* precisa ser visto como uma resposta a uma crise cultural real na qual os chefes estão lutando por seus poderes. Eles estão demonstrando que são realmente os organizadores do universo. Mas já estavam perdidos. No que diz respeito ao caso azteca, temos que notar que o sacrifício humano é muito mais antigo do que os aztecas que são recém-chegados ao poder. Mas para demonstrar que são os legítimos ocupantes do poder isto é o que fazem. E acaba se tornando a resposta geral para todos os problemas da vida: o calendário requer sacrifício humano, a guerra requer sacrifício

humano. Existe então esse ciclo contínuo de violência que prossegue relacionado, em parte, à necessidade de fazer o tempo fluir em intervalos regulares. É preciso matar as pessoas para que os deuses venham e representem o próximo ciclo de tempo, e outro grupo vem ... e assim por diante. O poder central do estado se apossa desta função de regular a sequência do calendário. Quanto mais complicada a sociedade se torna e quanto mais expande seu poder sobre outras regiões, mais exacerbado se torna este sistema. Tenochtitlán, a Cidade do México, se expande de um bando de cabanas de pau a pique no começo do século XIV para uma cidade de 150.000, 200.000 habitantes. É preciso integrar todo esse povo e o calendário faz isso: organiza áreas da cidade, suas atividades, em linha com os sacrifícios humanos. Existe, então, uma expansão urbana e uma expansão política que alimentam este tipo de violência. Já sobre os nazistas, há muitas maneiras de se falar sobre eles, mas trata-se da organização da sociedade para a guerra. Não necessariamente para fazer a guerra contra outros povos, mas para organizar as pessoas de tal maneira que as atividades sejam realizadas ordenadamente, de uma forma quase militar. Os participantes treinam seus corpos e mentes para participarem neste processo. À medida que isto se expande, se cria este corpo comunitário puro que deve continuamente estirpar os diferentes, pessoas que não se ajustam. Louis Dumont fez um comentário interessante. Ele apontou para o fato, provavelmente a primeira pessoa a fazê-lo, que todo este movimento não era apenas dirigido contra os judeus, dirigia-se também contra os alemães já que Hitler disse que os alemães agora são compostos de 5 ou 6 raças, algumas delas não valendo nada, outras sendo muito mais significantes. É um movimento de purificação do corpo social através da violência. Em última instância, as pessoas que avançam e transformam isto em um objetivo são aquelas capazes de implementar a violência e a guerra. E não existe uma luz no fim do tunel. Não existe uma promessa de um futuro melhor, para dizê-lo assim. Esta é a maneira como a vida é, a luta de todos contra todos, e os que obtêm sucesso, só o fazem porque subjagam outras pessoas. E isto fica mais claro nas palavras de Hitler. Ele diz: “não estávamos à altura da tarefa que nos impusemos e, em um sentido, os soviéticos são superiores a nós porque são vencedores”.

GLR - Você disse que o seu problema principal era capturar a relação entre ideologia e poder. Quando você se detém nos três casos, como vê essa relação operando?

ERW - Em cada caso existe um objetivo imaginário. E este objetivo imaginário está sendo implementado via poder. A ideologia delinea a possibilidade imaginária. Em um nível, imaginar não é loucura... Na verdade, eu venho tentando contornar este problema. Essas são todas criações da imaginação humana. Alguém pensou e um número de pessoas cooperou na produção desses corpos de idéias. Mas elas são realmente o que Castoriadis chama *l'imaginaire*. Assim, ideologia tem esta qualidade de *l'imaginaire*, relacionada com poder. Porque os chefes, os dirigentes do Estado azteca, a elite nazista vêem a si mesmos como executores de projetos. E, em todos os casos, são projetos sem fim, não existe o dia em que se dirá: agora paramos com o sacrifício de pessoas. Já os chefes kwakiutl estão ansiosos por mostrar quem são. Em uma situação de perda de população existem também recém-chegados que têm dinheiro da nova economia capitalista. Por exemplo, a existência de um homem que coletava do Boas taxas de informantes e mandava suas mulheres para trabalhar em prostituição em Victoria. Ele começa a ter um papel no sistema de *potlatch* e

os antigos chefes o vêem como um arrivista. Fazem então um *potlatch* onde destróem grande quantidade de propriedades, de riquezas, e este homem não consegue responder à altura. Assim, os antigos chefes fazem com que ele retorne a um status comum. Mas cada vez que isto ocorre, a quantidade de riquezas que tem que ser colocada em circulação também aumenta. Trata-se de um beco sem saída.

GLR - Eu estava pensando sobre a relação entre ideologia, poder e cultura. Você faz uma clara relação entre ideologia e poder, mas onde colocaríamos a cultura?

ERW - Em cada um dos três casos, as noções que legitimam as ideologias são retiradas daquilo que pensamos ser cultura. No caso kwakiutl a relação básica é a busca de poder espiritual, ganhar influência e poder indo à praia, encontrando o sobrenatural, lutando contra o sobrenatural, entrando em relação com o sobrenatural. Os chefes são as pessoas que recebem este tipo de poder no princípio dos tempos. O animal ancestral tira sua pele e dá, a pele, a máscara, os implementos para que eles sejam chefes. Essas são todas idéias que estão sob a rubrica do que chamamos de cultura. Entre os aztecas também. O calendário é extremamente antigo na Mesoamérica e a noção de que o tempo não flui por si mesmo, que precisa ser levado, que tudo está organizado em termos de relações entre espaço e tempo, de maneira que você se ordena em relação a pontos no ambiente e em relações rituais com o Leste, Oeste, Norte e Sul. Onde as pessoas sentam numa casa ou numa reunião, tem a ver com o posicionamento, com o Leste e o Oeste. Quando funcionários do governo mexicano são convidados para sentar com os índios, eles são colocados na parte Oeste do recinto e, eles não sabem disto, estão sendo basicamente empurrados para uma posição inferior. Assim, o que costumávamos chamar de cultura é a matéria prima a partir da qual essas ideologias são construídas e ganham influência, em parte, através disto.

GLR - Neste caso, o conceito de ideologia engloba o de cultura e de certa forma o dilue...

ERW - Ideologia seleciona do plano mais geral da cultura aquilo que lhe é mais adequado, o que pode atuar como marcas, símbolos ou emblemas de relações que se quer destacar.

GLR - O conceito ou noção de cultura nunca foi um ponto pacífico. Na verdade, é um campo de batalha. Talvez nos últimos dez ou vinte anos, o ponto mais quente deste campo de batalha nos EUA tenha sido a relação entre estudos culturais e antropologia que resultou em uma série de implicações para a antropologia, sobretudo a antropologia norte-americana. Poderia explorar essa idéia de que o conceito de cultura é um locus de conflitos entre diversas disciplinas?

ERW - Na história da noção de cultura, há que destacar uma pessoa, Herder, geralmente associado com os princípios desta noção no final do século XVIII, começo do XIX. Herder era um alemão da área do Báltico, uma área de fronteira com poloneses, falantes do alemão, lituanos, estonianos, finlandeses, interagindo entre si. Assim a noção de diferença

revela-se importante na criação da noção de cultura. Herder interessou-se por aquilo que mais tarde foi chamado de folclore, de literatura folclórica. Ele tentou definir o que era o espírito interior que distinguia um grupo do outro. Os finlandeses tinham o seu espírito, alemães o deles. O momento inicial desta idéia relaciona-se com a situação política da ausência de um estado-nação alemão unificado. De modo que a concepção de uma forma de unidade espiritual entre os alemães precede a formação do Estado, ao contrário do que aconteceu com a França onde o Estado possui uma unidade e, em conseqüência, todos se tornam cidadãos daquele Estado. Assim, a noção de cultura sempre se encaixa em situações onde, por um lado, há diferenças entre a população, e por outro, apelos políticos à unidade, soberania, dominação, etc. Existe sempre a idéia que sob os diversos elementos da cultura - comida, habitação, vestuário, sistemas de crenças - há alguma forma de espírito interior. E, claro, este espírito interior necessita trabalhar através de uma elite que o expressa. Isso não seria para os camponeses... Então, existe uma agenda política embutida em tudo isto que foi desconhecida nos primórdios da antropologia. Quando Boas toma estas idéias e as traz para o Estados Unidos e Canadá, todo mundo passa a ter sua própria cultura. Mas a agenda política de alguns grupos tentando definir espaço e poder para eles mesmos, não é considerada.

GLR - Em certo sentido, quando a noção de cultura é apropriada pela antropologia ela é despolitizada.

ERW - É despolitizada. Já os estudos culturais fizeram duas coisas importantes. Uma é mostrar cultura enquanto construção, não se trata mais de um espírito interior que movimenta a todos. Esta é uma tendência geral que, na verdade, não se restringe aos estudos culturais. A outra é que rapidamente levantam-se perguntas sobre hegemonia: quem impõe estas idéias para quem, quem está inventando os cânones, as regras que definem os jogos, existem contra-jogos? Feminismo, os afro-americanos, qualquer que seja o tipo de afirmação. Assim, os estudos culturais pegaram nos pontos fracos do conceito antropológico de cultura. Mas eu acho que a fraqueza deles é o exagero no que diz respeito à construção, exagerando, em conseqüência, a concepção de uma elite que se estabelece e constrói hegemonia mais ou menos como quiser. Mas há algo sobre o conceito de cultura que não explicamos bem para nós mesmos. E talvez eu esteja falando sobre isso porque ensinei “cultura e personalidade” por tantos anos. Psiquês e corpos tomam forma via socialização e cultura. Você aprende a andar, falar, comer e o que comer, o que é aceitável e não, o que é prestígio e não, o que é moral e não é. O conceito de cultura possui suas próprias camadas. Existem traços, como formas de enterrar as pessoas, de comer certos alimentos. Ele também inclui múltiplas realidades imperativas que são sempre formadas e trabalhadas. A história alemã fornece um destes exemplos de como camponeses eram levados às igrejas onde eram forçados a confessar, se não o fizessem tornavam-se fora da lei. Isto é, existem maneiras através das quais forças externas nos constróem enquanto vivemos. Mas a natureza do que subjaz ao contato entre estas forças é algo que creio ser altamente real. Os que falam dos espíritos dos alemães, finlandeses e estonianos, colocam estas questões em uma linguagem literária extremamente sofisticada. Mas existe algo na experiência de crescer em uma cultura que cria diferenças, cria hábitos que não são os mesmos do outro lado da fronteira. E estes pontos de ancoragem se tornam importantes. A

idéia que os nazistas tinham de transformar alguém em um soldado permanente, só poderia vingar em um lugar onde ser um soldado significava prestígio e recompensas, onde as pessoas tinham estas experiências e os velhos conversavam sobre como era ser um soldado vitorioso contra os desajeitados franceses, etc. Desta forma, o conceito de cultura esconde uma quantidade tremenda de relações interessantes.

GLR - É como se às vezes fosse abstrato em excesso, às vezes ao contrário.

ERW - Mas o que me chama a atenção sobre estudos culturais é que tudo parece ser “manufaturado”, uma espécie de fraude imposta a outros.

GLR - Também, marcados pela análise literária, não dão suficiente atenção àquilo que chamamos de realidade etnográfica.

ERW - E claro que esta realidade etnográfica opera com oportunidades e constrangimentos que são aprendidos. É como um rato correndo em um labirinto que aprende como sair dele e chegar no queijo.

GLR - Falemos da consciência de coisas maiores do que aquelas que o observador observa. Acho, por exemplo, que noções como níveis de integração sociocultural do Julian Steward são indicativas, décadas atrás, da tomada de consciência por parte dos antropólogos norte-americanos da existência da nação. Nos anos oitenta o que aconteceu, e não estou sendo evolucionista aqui, foi a tomada de consciência da existência de forças globais. E o seu livro **Europe and the People Without History** foi altamente influente neste processo. Você começou sua carreira nos anos 50. Começando com Steward na década de 50 até os anos 90, como vê esses desenvolvimentos no tempo? Existem momentos, períodos? Foi apenas uma questão de construir categorias mais abrangentes ou de ter consciência de que os conceitos não eram mais capazes de explicar aquilo que se experimentava na pesquisa de campo?

ERW - Houve uma grande mudança desde a época do difusionismo que contava traços e visava descobrir onde uma cultura terminava e a outra começava - e como os traços migravam de uma para outra. O que foi algo interessante. Trata-se de uma dimensão de comunicação. Mas chegou a extremos, tornou-se matematizado, formalizado. Então vieram os estudos de aculturação que, qualquer que seja a forma que pensemos sobre eles hoje, foram a introdução de uma noção de um campo de relações entre o povo “A” e o povo “B”, entre a cidade e o campo. Foi uma mudança importante. Levou a todo tipo de problemas, mas ao invés de apenas contar traços e reconstruir culturas como existiram no passado, existia a idéia de focar em pessoas vivas interagindo, pessoas em diferentes tipos de cenários. Em certo sentido, então, o que o Steward faz é tomar este campo de interações e representá-lo como um edifício, como uma arquitetura, onde existe um andar, as comunidades, depois um segundo andar, as regiões, e um terceiro, as nações. A gente nunca sabe muito bem como passar de um para o outro, mas...

GLR - E o nome dos andares pode variar.

ERW - Pode variar. Era um esquema altamente imperfeito, mas agregou uma quarta dimensão à idéia de interações em um campo. O campo agora tem muitos planos, muitos níveis, são múltiplos campos. Acho que a mudança para a perspectiva global implica em muito mais, não apenas explode tudo isto, mas qualquer que seja a arquitetura que permaneça é muito mais complicada.

GLR - Já se discutiu tanto sobre globalização que estamos chegando a um ponto de saturação sobre este tópico. Mas a localização da pesquisa antropológica em cenários globais complica muito como fazer pesquisa e nós ainda olhamos este assunto de uma forma muito tradicional. Ainda se treina as pessoas em termos de “áreas do mundo”. Talvez, e isto é uma provocação, se quisermos estudar tópicos e objetos globais podemos aprender mais sobre cultura afro-brasileira na cena global focalizando em escolas de samba em San Francisco (Califórnia) do que indo para o Rio ou para a Bahia. Acho que existe um re-embaralhamento muito radical na forma em que pensamos como daremos conta de certas questões através de pesquisa.

ERW - Existe, agora, uma multiplicidade de campos. Me parece que também é necessário expandir esta visão para as pessoas, os indivíduos, o **self**. Há, no presente, tanta preocupação com a identidade, justo quando as identidades estão desaparecendo. Mas o **self** nunca foi uma coisa única. Freud falou do id, ego e super-ego, ao menos três níveis, há, provavelmente, muitos mais. Em um interessante artigo, Felix Keesing, pai do Roger Keesing, argumentava, muitos anos atrás, que na aculturação algumas coisas mudam mais facilmente do que outras<sup>1</sup>. Acho que os exemplos que ele deu eram errados. Mas quando pensamos dessa forma, a noção da pessoa unitária aparece como falsa tanto quanto a de um grupo unitário. Processos incidem sobre eles, por exemplo, o ciberespaço repentinamente incide sobre todas as pessoas em um grupo, e vai diferenciar o grupo, o que causará efeitos diferenciados tanto sobre ele mesmo quanto sobre as pessoas. Assim, pessoas que tiverem aprendido a dançar samba podem se conectar com vários outros grupos de dança em vários níveis, do popular a formas artísticas altamente elaboradas. Contudo existem também obstáculos. Fui uma vez a um teatro ver o José Leguizamo, um comediante venezuelano, representando um personagem que era um hispânico, um imigrante latino-americano que se fazia passar por japonês, ensinando hispânicos como vencer na vida seguindo modelos japoneses. O que acontece é que enquanto ele dava suas aulas, se alguém ligasse um aparelho e começasse a tocar cha-cha-cha suas pernas começavam automaticamente a mexer (risos) de acordo com o ritmo. Isto me chamou a atenção como um tipo peculiar de parábola, o tipo de fato que provavelmente acontece em vários níveis, naqueles diferentes níveis da pessoa diferenciadamente expostos a impulsos externos.

---

<sup>1</sup> Wolf refere-se ao texto de Felix M. Keesing existente em Cultural Anthropology, Holt, Rinehart and Winston, New York, 1962, pp. 410-412.



GLR - Vamos mudar um pouco. Ainda dentro do novo ambiente das ciências sociais e da antropologia. Talvez a coisa mais forte que aconteceu nos últimos dez anos foi o final da União Soviética. Como você acha que isto impacta a antropologia? Talvez em termos de economia, sociologia e ciências políticas esta seja uma questão mais evidente. Mas sempre existiu a relação entre marxismo e o socialismo real. Uma vez que não existe mais o modelo real operando, e aqui não importa tanto quais nossas opiniões sobre esse modelo, um espaço vazio se estabelece. Como você vê isto?

ERW - Vamos falar primeiro sobre o marxismo. Acho que o que aconteceu com suas muitas variações foi que todas submergiram sob a ortodoxia estalinista. Na história das diferentes variedades do marxismo existem algumas mais culturológicas, outras menos, algumas mais social-democráticas, outras utópicas, etc. Eu sempre achei que esta riqueza de possibilidades deveria ter mais espaço. Agora se encontra muda, de certa forma. Quem é que vai ler todos esses caras? Marxismo positivista, materialismo dialético... Toda essas diferenças, creio, teriam feito um marxismo muito mais rico. Então ficamos presos em um só modelo que não conseguia ser suficientemente flexível para acomodar a realidade. Existem outras razões. Uma delas é que o próprio sucesso do comunismo em relações étnicas na União Soviética, fornecendo a diversos povos identidades nacionais, permitindo o florescimento de culturas nacionais, de línguas, acabou tendo seus efeitos. Porque todas estas pessoas decidiram que, tendo sido educadas em academias marxista-leninistas, estavam prontas para assumir o poder. Bem, isto sobre o marxismo. Se ele sobreviver terá que ser de uma forma muito mais diversificada. Já a antropologia, me parece, sempre teve problemas com “poder”, o tipo de coisas que falávamos antes, nunca reconhece seus próprios aspectos políticos e o cenário político em que opera. Acho que perdeu o trem durante a transição dos anos 80. Mas, o Brian Ferguson organizou várias sessões na Academia de Ciências de Nova Iorque e nos encontros da Associação Americana de Antropologia onde os antropólogos falavam sobre lugares problemáticos no mundo, como eles entendiam a Bósnia, Somália. Todas essas apresentações foram altamente interessantes, muito diferentes do que normalmente é descrito pelas ciências políticas. Existe um antropólogo holandês chamado Mart Bax que escreveu um livro sobre um centro de peregrinação na Bósnia<sup>2</sup>. Ele coloca os peregrinos, o Partido Comunista, os padres, o bispado, como atores em uma mesma situação onde todos estão interagindo para decidir sobre quem tem poder sobre quem. É uma visão antropológica, muito mais rica do que qualquer coisa que você possa obter nos meios de comunicação e que poderia contribuir para um seguimento e entendimento do conflito.

GLR - Eric, você se definiria como um marxista na antropologia norte-americana ?

EWR - Sim, me defino como um marxista simplesmente porque não quero dar a outros a satisfação de fazê-lo (risos). Existe algo forte no marxismo que é a procura por estruturas que governam relações concretas entre as pessoas. Não é o bastante, é um ponto para começar. Mas se você não o tem, você se perde.

---

<sup>2</sup> Medjugorje: Religion, Politics, and Violence in Rural Bosnia, Vrije Universiteit Press, Amsterdam, 1995.

GLR - Então, como você acha que o marxismo continuará a se desenrolar, mostrar sua face, na antropologia americana, com o fim do socialismo real? Existe algo já perceptível em muitos meios acadêmicos de diferentes países que é uma diminuição da presença do marxismo no discurso das pessoas...

ERW - Eduardo Archetti me disse que percebeu que o marxismo estava em maus pedaços quando, na livraria da universidade em Oslo, mudaram os livros sobre marxismo para os fundos da loja e colocaram, no lugar, livros de astrologia (risos). Eu nunca tive certeza sobre os prognósticos revolucionários do Marxismo. A idéia do proletariado sempre me pareceu um primeiro passo interessante para perguntar quais eram as implicações do trabalho assalariado. Mas a idéia que você tem um proletariado unificado que então atua em uníssono sob a liderança do Partido Comunista, sempre me pareceu uma quimera. Karl Wittfogel uma vez disse: Marx sim, marxismo não. Acho que o marxismo falhou intelectual e politicamente, mas deixa um importante legado para ser incrementado. Se vai sobreviver ou não, não tenho a menor idéia. Existe um número de pessoas como o William Roseberry, Joe Heyman, eu mesmo, algumas pessoas que se auto-denominam ecologistas políticos, que provavelmente continuarão um modo de análise que poderia ser chamada de marxista, ao menos em algumas das suas características. Mas somos uma espécie de marxistas marginais, em um certo sentido. Companheiros de viagem, mais do que crentes autênticos.

GLR - Um tópico associado é socialismo. Você ainda faz parte de um grupo de acadêmicos socialistas que se reúne periodicamente...

ERW - Eles vão se encontrar de novo recentemente, e estou considerando ir nesta reunião. Ainda tenho minha assinatura da **Monthly Review**. Mas está se transformando numa reunião de velhos veteranos onde você fala sobre as batalhas que uma vez lutou e espera algo melhor para o futuro. A não ser que tenha alguma coisa concreta que possa fazer com isso, se transforma em nostalgia.

GLR - Numa época onde o capitalismo triunfante está por todas as partes, o que devem fazer os socialistas?

ERW - Alguém disse, acho que foi o Philippe Bourgois, “agora todos nós terminaremos sendo social-democratas” (risos)! Não vejo nenhum programa geral. Mesmo nos lugares onde o socialismo realmente foi positivo, em Viena, por exemplo, a classe operária não acredita mais nele. Não tem apelo, todos querem fazer dinheiro. No final, teremos uma situação onde metade do mundo se enriquece e a outra vive de rejeitos, **homeless**. Acho que é uma situação verdadeiramente horrível, humana, social e politicamente, em todos os sentidos. Mas não sei qual é a resposta.

GLR - Algumas pessoas, altamente respeitáveis, acham que a antropologia irá desaparecer. Você estudou em uma época em que a visão universal do antropólogo era muito forte. A fragmentação da especialização na antropologia é altíssima e pode ser vista nos encontros

da Associação Americana. Como sobreviverá esta visão universal dos antropólogos? Pode sobreviver? E isto tem a ver com uma das suas preocupações: uma perspectiva do tipo quatro campos Boasianos (antropologia cultural, arqueologia, linguística e antropologia física) sobreviverá numa era de extrema fragmentação?

ERW - Não tenho muita esperança de que sobreviverá. As instituições que costumavam ter uma perspectiva do tipo quatro campos estão rapidamente desmontando suas iniciativas, por várias razões. Mas acho, também, que existe um tipo de dialética entre a humanidade em geral e o enfoque em situações particulares. Quando investigamos situações específicas temos em mente uma comparação de todas estas situações. Essas perspectivas estão desaparecendo. As pessoas não querem mais fazer pesquisa de campo. Ou a pesquisa de campo tem que ser a maior parte do tempo sobre a identidade do **self**, como eu me sinto quando falo com dois cheyennes. Antes nos detínhamos sobre eles, e não sobre nós. Estas coisas que estão desaparecendo, de certo modo definiam como a antropologia era, não sei o que será no futuro. Se não tivermos a noção geral do que faz a humanidade possível enquanto um projeto, e o que faz a humanidade existir de certas formas em diferentes situações, se não tivermos esta combinação, então, quem precisará de antropologia? Esta é sua marca de distinção. A observação naturalista também está sob ataque.

GLR - Mas isto também tem um lado positivo. A pretensão de “estar lá” e ser um observador neutro era algo em que muita gente acreditava. E agora não se pode mais montar a estória ingênua da neutralidade objetiva. Transformar tudo em um jogo de textos é onde o problema está, pois se pode chegar ao ponto em que as pessoas não querem fazer pesquisa de campo.

ERW - Sem dúvida. Também tudo é implodido ao nível do indivíduo, com questões como “quem sou eu em relação a esta outra pessoa”. Assim, se perde a capacidade de generalização que a antropologia teve no passado. Acho que há uma grande perda real de disciplinas baseadas em observação. A psicanálise, se fosse válida ou não, envolvia de fato a idéia de observar e ouvir alguém e, a partir de pequenas histórias e sinais, construir algum tipo de explicação. Isto praticamente desapareceu. Agora enfiam uma pílula na pessoa e pronto. O mesmo com a antropologia. Os sociólogos são bem mais poderosos com as estatísticas, observações e entrevistas que desenvolvem, do que um cara sentado em “el barrio” tratando de entender o que está acontecendo. Assim, acho que o ângulo observacional natural do trabalho de campo irá desaparecer também. Isso é muito ruim. Porque as alternativas para todos estes modelos serão os economistas do Banco Mundial.

GLR - Então, a particularidade da antropologia é ver o universal desde um ponto-de-vista particular que é densamente observado. Existe algo mais que gostaria de falar?

ERW - Neste ponto da minha vida, o que realmente me tem fascinado é que todas essas noções com as quais trabalhamos, de repente só se mantêm juntas com clips de papel. Não funcionam muito bem. Neste projeto em que me encontro, o poder da imaginação humana de inventar idéias é realmente impressionante. Podem ser loucas ou não, têm consequências, matam pessoas. Mas existe realmente algo sobre elas que não capturamos

muito bem. Pensemos sobre a história das Cruzadas; a idéia de converter todo o mundo ao islamismo, ou ao catolicismo; a idéia de que os judeus depois de 6.000 anos devem voltar à Palestina - e não importa quem viva lá, são recém-chegados que não pagaram aluguel por 2.000 anos. Essa capacidade dos humanos de criar projetos impressionantes é algo, para mim, bastante inexplicável.